

Guilherme Soares Silva
3/5/18

..... DEZENHADOR

§ José Mergulhão §

..... FOTOGRAFO

Ⓜ Alberto Lima Ⓜ

..... EDITOR

E. da Cunha e Sá

O PALCO

REVISTA TEATRAL

Diretor — E. Nascimento Correia

Propriedade da Empreza de O PALCO

Redação: R. da Vinha, 52, 1.º

ADMINISTRAÇÃO: R. S. Marçal, 51, 1.

OFICINAS DE COMPOZIÇÃO
E IMPRESSÃO

R. de S. Marçal, 51-A a 53-A

+++ LISBOA +++

Ano I

N.º 3



OFFEL ILLUSTRACAO
PORTUGUEZA

ADELINA ABRANCHES

DO TEATRO DA REPUBLICA

25 FH

ESPEDIENTE

Temos recebido alguns exemplares d'O Palco devolvidos, mas sem indicação alguma de quem sejam os devolventes de fôrma que não podemos deixar de repetir as remessas, visto os exemplares não serem devolvidos com a cinta que d'aqui espedimos.

Para conhecermos quem devo've O Palco é indispensavel que a devolução seja feita com a mesma cinta que espedimos.

O PALCO

ASSINATURAS

(Pagamento adiantado)

Lisboa e todo o continente e ilhas adjacentes		Paizes da União Postal	
Semestre	5700 Ano.....	Ano	15600
Colonias portuguezas		Brazil	
Ano.	15400	Ano (moeda fraca)	65000

Numero avulso — 60 réis

TABELAS DE PREÇOS D'ANUNCIOS

1 pajina, 1. ^a publicação.....	55000	1/8 pajina, 1. ^a publicação	15000
1/2 » » »	35000	1/16 » » »	5600
1/4 » » »	15800	Repetições têm o desconto de 30 %	

ANUNCIOS PERMANENTES — CONTRATO ESPECIAL

Anuncios intercalados no texto

1 pajina, 1. ^a publicação.....	95000	1/8 pajina, 1. ^a publicação	25000
1/2 » » »	55000	1/16 » » »	15200
1/4 » » »	35000	Repetições têm o desconto de 30 %	

SUMARIO

Almeida Garrett, 1 grav.
Os que não voltam, 4 grav.
Amadores, 1 grav.
A censura no teatro.
Companhia Froes, 1 grav.
A quinzena, 1 grav.
A melhor das mulheres, 3 grav.
O Palco entrevista André Brun, 8 grav.
As nossas reliquias : Queirós, 4 grav.

Tipos, 1 grav.
O rei dos gatunos, 3 grav.
A feira do diabo, 3 grav.
Os Pimentas, 1 grav.
Medina de Sousa, 1 grav.
O cantico dos canticos, comedia em verso.
Os nossos concursos.
Anedotas teatraes.
Diversos.

Lisboa, 5 de fevereiro de 1912

O PALCO

ALMEIDA GARRETT

Aqui, no mesmo lugar onde no numero anterior fizemos inserir o suposto retrato de Gil Vicente, o fundador do Teatro Português é justo que, comemorando o seu aniversario natalicio, (nasceu a 3 de fevereiro de 1799) estampemos o de Almeida Garrett, o talentoso escritor a quem o mesmo teatro tanto deve, pelo muito que para ele trabalhou.

E trabalhou tanto e com tal amor que não é lizonja o chamar-lhe, como se lhe chama, o verdadeiro reformador do nosso teatro.

Ele foi, deixem-nos assim dizer, o Marquês de Pombal do teatro português.

Mas não fosse ele o construtor do Teatro Nacional, não fosse ele o grande legislador de teatro, que bastariam as suas obras teatraes, bastaria o seu *Frei Luiz de Souza*, bastaria o seu *Alfajeme de Santarem* para lhe dar jús ao nosso respeito e á nossa eterna gratidão.

Figuras como as de Almeida Garrett, não se devem deixar no olvido e é obrigação de todos os que têm amor por

coizas de teatro lembrál-as sempre, para que os seus ezemplos sirvam, senão de incentivo para que alguém lhes continue a sua obra, pelo menos de ponto de referencia para que ninguém a esqueça, e não deixe perder o que elas a tanto custo conquistaram.

Tanto seria patriótico o continuar-lh'a, como crime de leza-patria o deixál-a cair no olvido.

E não julguem que ezajeramos.

A civilização de um povo aquiláta-se pelo seu teatro.

Se portanto queremos têr o nosso lugar no grande concerto das nações prezizamos levantar o nosso teatro.

Para isso todos devemos trabalhar, não só artistas e escritores mas — e muito especialmente — o publico, auxiliando, animando, encorajando os nossos autores nacionais em vês de os receber com sete pedras na mão, como quazi sempre succede.

Continuemos a obra de Garrett e creiam que contribuiremos e não pouco para o levantamento do nosso pais.



Os que não voltam

Antonio José dos Santos
(Santinhos)



Na Semana dos 9 dias

No Ali... à preta

No Coração do Diabo

Sem ser uma notabilidade o ator Santinhos, que faleceu no Porto no dia 17 de janeiro, era contudo um ator popular, tendo-se tornado conhecido no Porto n'um teatro da «Feira dos Carneiros», fazendo o *Migalhas* na revista *Porto por um canudo*. Lisboa conheceu-o no *compadre* da revista *Ali... à preta* e viu-o depois nas operetas de Gervasio Lobato. Que descanse em pás.

AMADORES

Grupo dos estudantes da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa



que tomaram parte na recita que no dia 5 se realizou no Teatro da Trindade, com a revista *Sem ponto* e a zarzuela *El pobre de Valbuena*. Ao meio, na 2.^a liuha, os maestros Filgueiras e Canedo, o estudante Leal e o ator Machado respectivamente ensaiador de musica, o seu autor, o autor da revista e o seu ensaiador.

Na ultima pagina inserimos alguns clichés do referido espectáculo, dado a favor do cofre do Orféon Academico.

A Censura no Theatro

"O Palco" entrevista alguns escritores populares



A proposito da ordem á dias dada á empresa do *Teatro Moderno* proibindo a entrada de policias fardados na parodia de *Esculapio*, 00020 *milhafres*, que ali se representa, veiu á téla da discussão a censura teatral os seus prós e os seus contras.

O *Palco*, entendendo de seu dever dizer alguma coisa sobre o assunto, rezolveu entrevistar alguns dos escritores de peças populares, como sendo eles os mais diretamente interessados, visto que sobre esse jenero de peças é que a censura mais ferósmente se ezerce — ou se ezercia...

Assim perguntámos-lhes :

— O que entende sobre a fórma como a censura se fás?

— Não concordando com ela como entende que ela deveria ser feita?

Eis as respostas que obtivémos:

— O que entendo sobre o modo como é feita a censura?

Começo por não entender a censura previa; é o maior dos crimes moraes. Assim não chego a curar do modo porque é feita. E' sempre crime e criminózos os seus agentes. Entre jente civilizada só admito duas leis jenericas: liberdade mácima e mácima responsabilidade.

Luis Galhardo.

~~~~~

A minha opinião é que, seja de que maneira fôr, a censura representa sempre uma violencia injustificada. Proibir que se ezibam em palcos o policia boçal e o chefe do Estado, é colocar este a par d'aquêle e n'esse cazo ou o policia sobe ou o chefe do Estado desce. O grande censor é sempre o publico. Pretender coartar a liberdade do pensamento é voltar aos

tempos ominoços do Index espurgatorio. Ou manda a Republica ou Torquemada...

Batista Dinis.

~~~~~

Devo dizer-te, quanto á forma como oje se fás a censura, que, *no tempo da outra mulher*, quando o Lacerda — ex-chefe de policia — um dia discutia comigo uma passagem vermelha d'uma revista minha, me disse predizendo o futuro: — (*Como sabes o Lacerda invocava os espiritos!*) — «Vocês ainda ão-de ter saudades minhas!» —

E... adivinhou!

Quanto á forma como ela deve ser feita, estando em Lisboa isso entregue ao governo civil e avendo um Conselho de Arte Dramatica — entre um cabo de esquadra e o tal Conselho de Arte, não devemos ezitar, optando pelo Conselho, obrigando-o a ir aos ensaios jeraes e aí dizer de sua justiça. E aqui tens o que sobre o assumto pensa o teu

Pedro Bandeira.

~~~~~

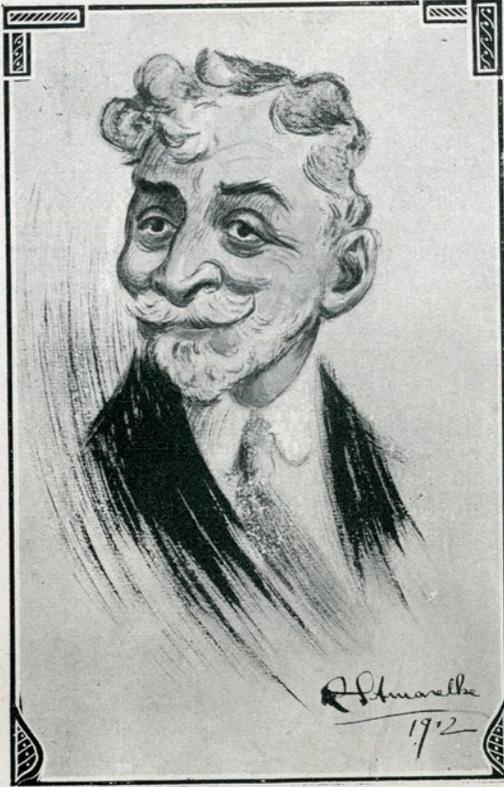
A censura teatral fás-se em Lisboa como nos antigos tempos, isto é, intervem no cazo um funcionario da policia que póde ser um escelente mantenedor da ordem, mas que, a respeito de arte e de coizas teatraes, percebe tanto como o *Tlim*. D'aí, os atropelos, as incoerencias, as arbitrariedades de que tanto se queixam os escritores e as empresas teatraes. Urje regular o assumto, entregando a inspeção dos teatros a uma comissão de criaturas abilitadas que, com prudencia e com acerto, administrem os bons costumes nos palcos, mas sem violencias e em harmonia com os bons principios, respeitando sobretudo a liberdade de escrever. Assim o entendo.

Esculapio.

✱

Por nos chegar ás mãos tarde de mais não inserimos n'este numero a opinião de Leandro Navarro. Virá para o procimo.

Mas, pelas que acima damos, já quem pode ou quem deve olhar para estas coizas, vê qual a orientação a seguir, bazeando-se nas opiniões dos interessados.



EDUARDO SCHWALBACH

*dita, A melhor das mulheres* o que prova o seu desinteresse, porque, francamente, se qualquer tivesse a melhor das mulheres guardava-a para si.

Ele não quis e fêz muito bem, porque *A melhor das mulheres* é uma mulher das melhores e agrada bastante o que não admira porque as mulheres por piores que elas sejam agradam sempre.

E por aqui se ficou a passada quinzena que, apesar de luminosa, não foi das mais brilhantes.

## A Quinzena

A iluminar esta quinzena tivemos no *Republica* a Loie Fuller com as suas dansas e a sua companhia infantil; — dizemos a iluminar porque as dansas eram luminosas e porque o primeiro espetáculo pelo menos, foi... de eternas luminarias.

E já que falamos em dansas temos de nos referir ao baile de despedida do *Chico das Pegas*, no *Apolo*, onde o velho Queirós fêz ainda o seu pé de dita...

E uma vês que estamos com a mão na massa do *Apolo* não a limpemos sem tomar nota dos dois orijinaes que ali se representaram, *Os Pimentas* e *A Feira do Diabo*.

São orijinaes já uzados, orijinaes em segunda mão, bem sabemos, mas isso não lhes tira o valor, antes pelo contrario: — prova que eles são de lavar e durar.

Seguindo a ordem cronolójica — que parece que é uma das poucas coizas que ainda não foi alterada — temos de passar pelo Ginázio onde o *Rei dos Gatuos*, incarnado na pessoa de Enrique d'Albuquerque, fêz um belo successo o que prova que o povinho ainda não é tão inimigo dos reis como á primeira vista parece, especialmente desde que eles sejam, como este é, traduzidos pelo sr. Portugal da Silva.

O sr. Carlos Trilho que, como se sabe, é um republicano istorico, querendo continuar a ser agradável á Republica deu, para o teatro da

## TEATRO DA REPUBLICA ◊ A melhor das mulheres

Peça em 3 átos de Bilhaud e Hennequin, traduzida por Carlos Trilho. Representada em 26 de janeiro



## DISTRIBUIÇÃO

|                                    |                   |
|------------------------------------|-------------------|
| André Pregibert.....               | Augusto Roza      |
| Adolfo Monturel.....               | Chaby Pinheiro    |
| Grisol .....                       | Carlos d'Oliveira |
| Trubart .....                      | Antonio Sarmento  |
| Le Templier .....                  | Rafael Marques    |
| Gastão de la Clayette..            | Lopo Pimentel     |
| Thommereux .....                   | Tomás Vieira      |
| Brevannes .....                    | Francisco Sena    |
| João, criado.....                  | Manuel Pina       |
| Jilberta Monturel ....             | Emilia d'Oliveira |
| Raimunda .....                     | Jezuina Saraiva   |
| Sr. <sup>a</sup> Martin Beauchamp. | Barbara Volckart  |
| Branca .....                       | Aura Abranches    |
| Adriana .....                      | Emilia Sarmento   |
| Sr. <sup>a</sup> Le Templier ..... | Julia d'Assunção  |
| Francine .....                     | Leonor Faria      |
| Sr. <sup>a</sup> Brévannes .....   | A. Quadrio        |

## ENTRECHO

M.<sup>me</sup> Monturel (*Emilia d'Oliveira*) é conhecida, graças ás suas ininterruptas obras de caridade pela «Melhor das Mulheres».

Ela ama seu marido (*Chabi*) que lhe paga na mesma moeda, o que não o impede de ter amantes, no que de resto é seguido pela esposa, que, apesar de ser a «Melhor das Mulheres» já teve um amante, Grisol, (*Carlos d'Oliveira*) relações que já acabaram, tendo-o ela compelido a cazar.

E' isto o que se sabe no 1.<sup>o</sup> ato, passado durante os preparativos d'uma nova obra de caridade a que assistem as amigas de M.<sup>me</sup> Monturel.

Após a saída de todos os convidados aparece Pregibert (*Augusto Roza*) solteirão que está apaixonado pela «Melhor das Mulheres», a quem se declara. Ela não o quer escutar mas no momento em que ele vai para sair, ouve-se ruido no jardim.

Julga-se que são assassinos. Pregibert decide-se a espôr-se aos seus golpes para salvar a sua amada. Afinal é uma surpresa que os convidados de M.<sup>me</sup> Monturel lhe fazem, mas o jesto de Pregibert vale-lhe as simpatias da sua apaixonada de quem fica o amante n.<sup>o</sup> 2 e a quem ela no final da peça, compele tambem a casar com a Menina Branca (*Aura Abranches*) que desde o principio se vê estar enamorada d'ele.



Raimunda  
J. Saraiva

Branca Pregibert  
Aura A. Roza

Monturel  
Chabi

# O PALCO

Entrevista ANDRÉ BRUN sobre a campanha contra as companhias portuguezas no Rio de Janeiro



Ultimamente foi movida no Rio de Janeiro uma violenta campanha contra as companhias portuguezas. Pelo menos era essa a impressão que nos davam as correspondencias particulares e os artigos de certos jornaes. André Brun, um dos nossos autores dramaticos mais representados no Rio n'estes ultimos anos, estava precisamente na capital carioca, onde fôra assistir ás representações d'algumas das suas peças e realizar algumas conferencias.

Na sua volta, á alguns dias apenas, tivemos occasião de lhe ouvir algumas das suas impressões sobre o assunto :

\*

—«Uma campanha contra companhias portuguezas?! Não é bem esse o caso, disse nos ele. E' preciso restringir: Campanha contra *algumas* companhias portuguezas. O caso pouco mais ou menos é o seguinte: Ouve tempo em que o Brazil era frequentado por poucas companhias portuguezas. O clima, a insalubridade faziam ezitar os artistas. Por ano ia—quando ia—uma companhia portugueza e em jeral boa. Avia n'esse tempo disciplina artistica no teatro, mais alta bitóla de produção, artistas feitos pelo trabalho e com o tempo. O Brazil era na verdade um Brazil para esses grupos armonicos e rotulados com o nome do teatro onde trabalhavam em Lisboa. Veiu esse progresso espantozo que transformou o Rio em poucos anos e fêz d'ele uma

cidade encantadora, salubre e acessivel. Logo começou de chover no Rio companhias estrangeiras e as portuguezas aumentaram de numero á proporção que diminuiam de qualidade. Oje não á ano em que não vão ao Rio cinco ou seis companhias portuguezas. Companhias? Não. Grupos formados á pressa com uma estrela ou uma luminaria qualquer, artistas ruscados aqui e acolá, um repertorio adrede colijido, material de emprestimo ou feito á pressa e o que é pior de tudo—o rotulo:—Portugal.

No Rio, ao tempo em que era menos vizitado por companhias estrangeiras, avia teatro nacional, decentissimo, interessante mesmo, pois que, não sentindo tão dirétamente a influencia estrangeira como o nosso, tinha carateristicos fundamentalmente nacionaes. Esse jenero tão brasileiro, a *burleta*, era curiozissimo. Eram bem brasileiros os seus tipos, bem brasileiros os seus interpretes. No chamado jenero popular era admiravel. O teatro de drama e alta comedia, menos interessante por via das muitas traduções de que se compunha, tinha voga no entanto e teve seus grandes artistas como o teatro popular. Oje porém—seria o progresso material do Rio que fêz dezinteressar por um *snobismo* especial o publico do teatro nacional?—o teatro está em manifesta crize na capital brasileira. Os artistas brasileiros viram-se em face de dois poderozos inimigos: as companhias estrangeiras e o *cinema*. Das companhias estrangeiras as mais perigozas eram as portuguezas. Esprimimiam-se na mesma lingua e interessavam portanto as classes menos cultas e medias. Mas vá: tinham as suas épocas de chegada e de partida. Durante esse tempo os artistas nacionaes exploravam a provincia. Chegado o verão—o inverno de cá—voltavam ao Rio e, tendo que temer a concor-



Teatro Municipal do Rio de Janeiro

rencia dos cinemas, tinham imaginado ultimamente os espetáculos por sessões, com preços de animatografo. Divididos em pequenos grupos, instalando-se nos proprios cinemas davam duas e três vezes na mesma noite a mesma peça reduzida, amputada, trucidada para caber n'uma ora e um quarto de espetáculo. Assim vi artistas de valor como Machado, Brandão, Alfredo Silva, João Barbosa, Adelaide Coutinho, Lucilia Peres, Cinira, Pepa, representarem — que sei eu! — *O Conde de Monte-Cristo*, *Os 28 dias de Clarinha*, *A Capital Federal* do grande Artur d'Azevedo, o inferno emfim, cinematograficamente, ofegantes, a estourar, cercados de discipulos sem escola e de principiantes, quando, se fossem ajudados pelo publico e pelas circunstan-

áquele mesmo Rio fazendo papeis de terceira ordem, estrelas femininas feitas ao capricho do momento, da plastica e da saída que tinham em terra carioca, não falando já nas coristas recrutadas com o criterio um pouco especial de trazer certa clientela ao teatro.

Para nós, portuguezes, os artistas brasileiros disseram ou escreveram, por intermedio dos jornaes que os defendiam, que essas companhias representavam um descredito para o nome do teatro portugûes. Os sucessos lisboetas que aqui tanto custam a compôr são por lá, na mão de incompetentes e pouco escrupulosos, absolutamente invertidos. Distribuições fantasticas, substituições a cada passo, coristas analfabetas arvoradas em artistas, encenações indecorozas,



Cinira Polonio

Brandao

Adelaide Coutinho

cias, poderiam constituir companhias interessantes e dignas de maior apreço. Cristiano de Souza, com aquela vontade de ferro que o caracteriza e aquele belo dezejo de trabalho que sempre o acompanhou e o fêz artista, conseguiu juntar em volta de si um grupo mais ómojeneo e, cuidando das *mise-en-scene*, conseguiu dar uma certa verozimilhança áqueles espêtaculos inverozimeis. Eram no entanto estes os recursos dos artistas brasileiros. Eis que, não contentes em inundar o Rio no inveráo, as companhias portuguezas surjem no verão e, o que é mais, dão espêtaculos por sessões. Então ouve uma justissima revolta dos artistas nacionaes que claramente bradaram que lhes queriam tirar o parco pão da boca.

E disseram da sua justiça. Apontaram que essas grotescas companhias portuguezas eram na realidade uns grupos organizados sem escrupulo, sem a menor omojeneidade, levando como primeiras figuras artistas que á poucos anos iam

tudo contribue para a vida efemera das peças que os autores confiam a esses peregrinos. Claro está, põe-se de parte a moralidade d'esses grupos sobre cuja insuficiencia muito avería a dizer e que altamente contribue tambem para o descredito do teatro portugûes pois oje uma d'essas companhias que chega é mirada com o interesse que desperta uma leva nova de mulheres faceis.

E' evidente que o prejuizo cauzado aos artistas brasileiros é relativamente pequeno. O insuccesso tem acolhido sempre essas tentativas de estemporaneas *tournées* e elas ão de terminar.

Então chegará o tempo em que o Rio só aceitará as companhias decentemente organizadas bem dirigidas e disciplinadas que levem no seu repertorio e carinhosamente as tratem, as peças dos melhores autores. fazendo a seleção precisa e absolutamente necessaria entre os omens de teatro e os cretinos com veleidades de escrever em papel as obscenidades que os gaiatos escrevem nas paredes.



Arthur d'Azevedo

Lucília Peres

Alfredo Silva

Não ouve pois, como lhe disse, uma campanha contra companhias portuguezas em jeral. Eu acompanhei com simpatia o movimento dos artistas brasileiros cujo prospero futuro dezejo e aguardo, mas vi bem que o seu protesto era dirigido contra os bandos que aqui se organizam para a exploração d'um Brazil que eles supõem lorpa, endinheirado e femieiro, tão descuidozos de se apresentarem e tão imprudentes no impin-jir a sua mercadoria. Esses bandos ão de sentir que o Rio não é bem o que eles supõem e senti-lo-ão na bolsa que é onde mais lhe doerá.

E no dia em que o Rio, farto de aturar aventureiros, só admitir nos seus palcos companhias com uma chancela de arte e de pudôr, creia,

ganharemos todos nós, os portuguezes que trabalhamos no teatro com vontade e os artistas brasileiros, porque, quando se ezijir a artistas de esportação temporaria uma certa parcela de arte e uma apresentação decoroza averá muito menos *artistas* para o Brazil. Irão com outro nome e os *patrões* tambem.

\*

Falou, falou... e ainda a estas oras o estaríamos a ouvir deliciados se o não viessem interromper.

Falou, falou... e crêmos que disse um punhado de verdades.

— Oxalá as oiçam.

## A Companhia de LEOPOLDO FROES



que no dia 5 partiu em digressão pelas Ilhas, devendo estreiar-se no dia 9 em S. Miguel. Leva como *estrela* Paqueta Calvo e o resto do elenco, é assim composto:

Maestro: Joaquim Alagarim; atrizes: Aurelia dos Santos, Margarida Vellozo, Pepita d'Abreu, Alice Lima e Emilia d'Abreu; atores: Leopoldo Froes, Artur d'Almeida (tenor), Jozé Moreira, Alfredo Abranches, Agostinho Lagos, Placido Ferreira, Côrte Real, Estevão Santos e Alberto Gorjão; contra regra, Jozé Queirós; ponto, Cezar de Mendonça e aderecista, Jil Loureiro.

## AS NOSSAS RELIQUIAS

## Raimundo Queirós



Queirós no seu gabinete

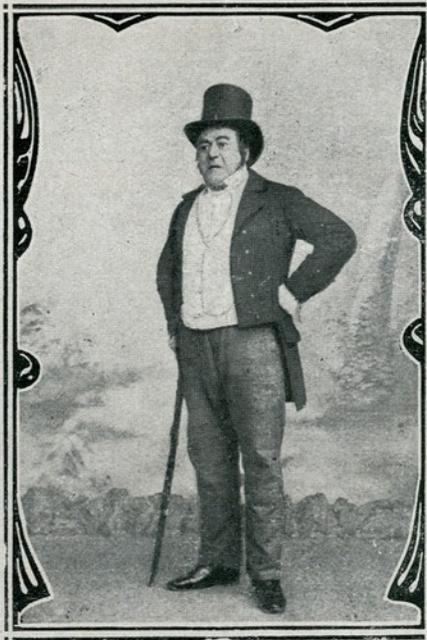
*O pai Queirós como  
lhe chamam os seus  
velhos companheiros e  
como se abituáram a  
chamar-lhe os novos!*

*Quem o não lembra  
com saudades?*

*Quem, ao vel-o ain-  
da aparecer de quando  
em quando n'este ou*



Um filho... adótipo



No rejedor do BRAZILEIRO PANGRACIO



Queirós ao espelho

*n'aquela teatro não re-  
corda, talvez com uma  
lagrima, toda aquela  
brilhantissima ple'ade  
d'artistas que o ro-  
deiáram e de que pou-  
cos já ezistem!*

*—Como esses tem-  
pos vão longe!*

## Tipos



## O PALCO no Carnaval

Os ultimos acontecimentos que tanto perturbaram a vida lisboeta, incidiram tambem sobre nós.

Assim o prezente numero, que deveria ter saído no dia 4, só oje pode aparecer e o numero do *Carnaval* que tinhamos anunciado como extraordinario não o póde ser pela falta absoluta de tempo para fazer as pajinas escedentes.

Em todo o cazo, se os nossos leitores perdem na *quantidade* não perdem na *qualidade* por isso que n'ele colaboram da mesma fórma os nossos **melhores caricaturistas** e pajinas á que devem fazer successo pela graça da concêção e pela beleza da czecação.

O *numero do Carnaval* custará pois o mesmo preço de 60 réis, não obstante a sua esplendida colaboração.

## Teatro do Ginzio

2.º ÁTO

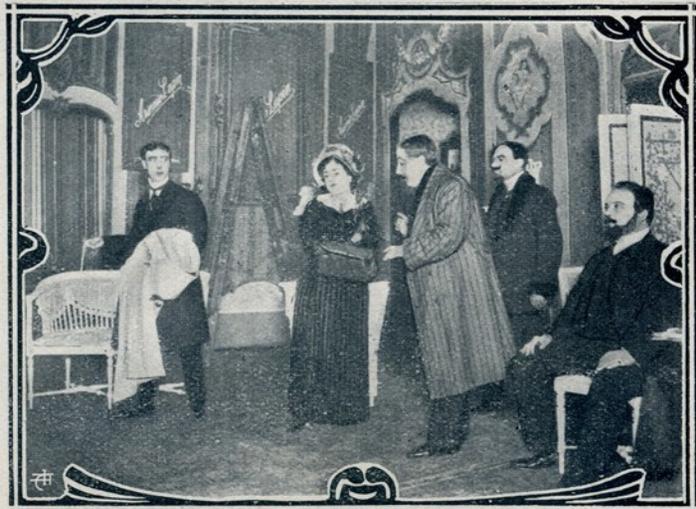
## O Rei dos Gatunos

PEÇA EM 4 ÁTOS

Tradução de Portugal da Silva

Representada em 20 de janeiro

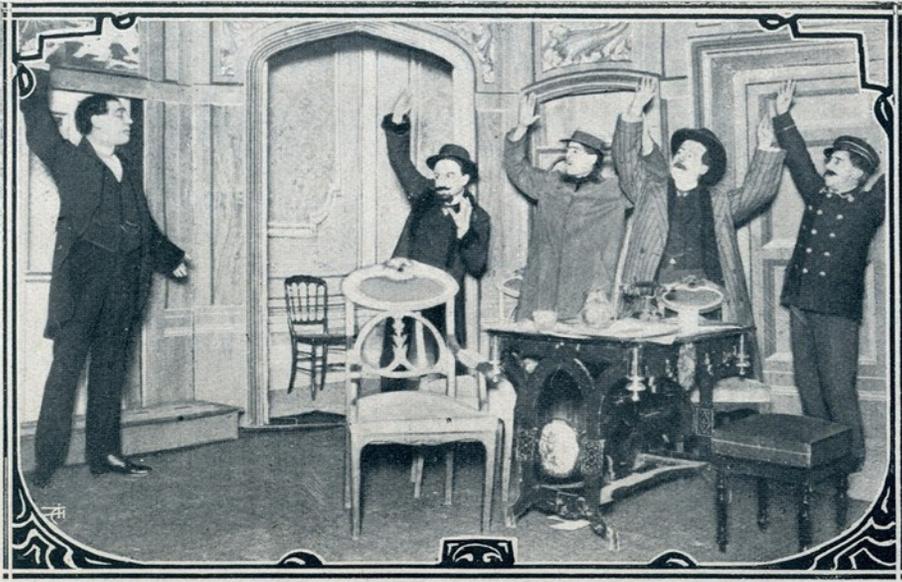
«Duque de Charmerace» Albuquerque; «Guerchard», Machado; «Gournay Martin», Cardozo; «Juis de instrução», Telmo; «Charolais» Tristão; «Charolais, 1.º filho», Azambuja; «Boursin», policia, Alves; «Comissario», Soares; «Firmino» M. Pereira; «Dieuzy», V. Marques; «Charolais, 2.º filho», Soares; «Bonavant», Azambuja; «João» Alves; «Um agente», Pereira; «Charolais, 3.º filho», N. N.; «Alfredo», V. Marques; «Sonia Kritchhoff», Laura Hirsch; «Germana», Albertina de Oliveira; «Vitoria», Maria Augusta; «Joana», Ambrozina; «Maria» Erminia; «Irma» Dina Teixeira.

Albuquerque  
CHARMERACELaura Hirsch  
SONIAMachado  
GUERCHARD

Miguel Pereira

Telmo  
JUIS

## 3.º ÁTO — A CENA DA BOMBA



Albuquerque  
CHARMERACE

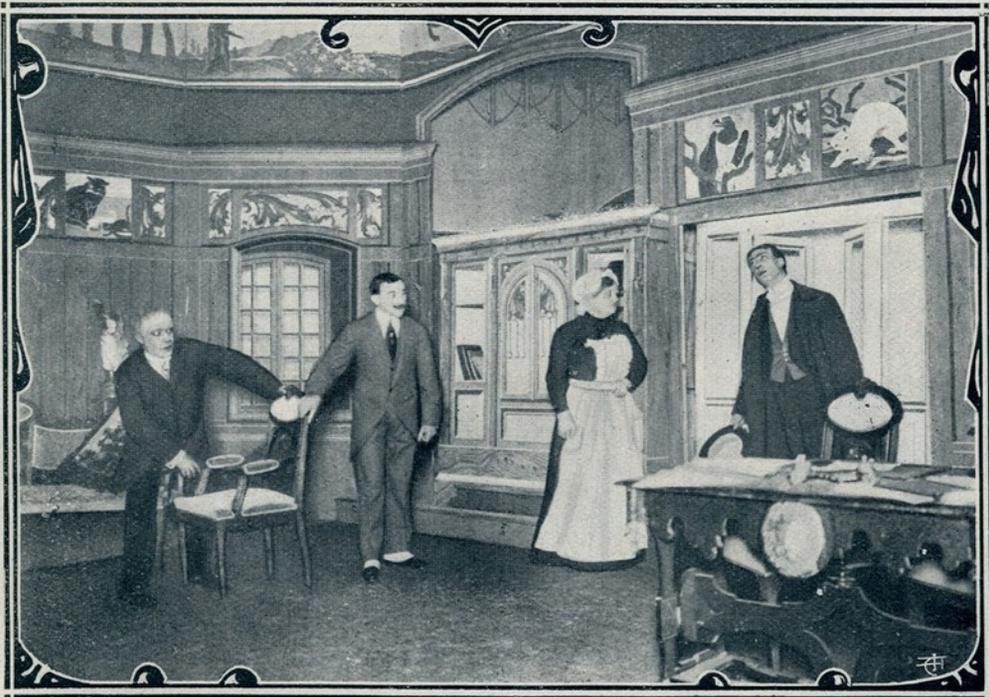
Miguel Pereira  
AJENTE

V. Marques

Machado  
GUERCHARD

Azambuja

Não tem entrecho estas peças. São a luta constante entre um policia, que quer prender, e um gatuno fino que não quer ser prezo. São peças todas feitas de episodios, e muitos esta tem, qual deles o mais interessante, acabando quazi sempre, como esta acaba, por o amor fazer das suas e redimir o passado do criminozo.



Tristao  
CHAROLAIS

Maria Augusta  
VITORIA

Albuquerque  
CHARMERACE

## TEATRO APOLO

## A FEIRA DO DIABO

Sátira em 1 ato, prologo e 3 quadros

Original de Eduardo Schwalbach

MUZICA DE FILIPE DUARTE

## DISTRIBUIÇÃO

## 1.º quadro — O deziquilíbrio

|                      |                |                      |
|----------------------|----------------|----------------------|
| Mefistofeles .....   | Palmira Bastos | Ilda Ferreira        |
| Orçamento da despeza | Chabi .....    | Nascimento Fernandes |
| Orçamento da receita | Jozé Ricardo.. | Alegrim              |

## 2.º quadro — A maromba

|                      |                 |                      |
|----------------------|-----------------|----------------------|
| Chico Encravado .... | Azevedo .....   | Carlos Machado       |
| Alma do Diabo .....  | Pina .....      | Reinaldo d'Azevedo   |
| Perpetua Amores .... | Barbara .....   | Maria Frazão         |
| Maria Ladina .....   | Jezuina.....    | Augusta Freire       |
| Menelau Peres .....  | Alves.....      | Jozé Vitor           |
| Dona Conveniencias . | Em. d'Oliveira  | Amelia Pereira       |
| Gazua.....           | Pinheiro .....  | Nascimento Fernandes |
| Alucinado.....       | Jozé Ricardo..  | Gil Ferreira         |
| D. Fausta.....       | Anjela Pinto..  | Filomena Lima        |
| Pés na cova.....     | Sarmento .....  | Silvestre Alegrim    |
| D. Aparatoza .....   | Zulmira.....    | Roza Andrade         |
| Alcofinhas .....     | Jezuina .....   | Alda Aguiar          |
| Bébé .....           | Lús Veloza....  | Sára Medeiros        |
| Confessor .....      | Chabi .....     | Jorje Roldão         |
| D. Pergaminhos ..... | C. d'Oliveira . | Jozé Vitor           |
| Felicidades .....    | Anjela Pinto..  | Amelia Pereira       |
| D. Eraldica .....    | Barbara .....   | Maria Frazão         |
| Pureza .....         | Elvira Costa .. | Alice Rodrigues      |

## 3.º quadro — O equilíbrio

|                        |                |                      |
|------------------------|----------------|----------------------|
| Mefistofeles .....     | Palmira Bastos | Ilda Ferreira        |
| O meu amigo .....      | Chabi .....    | Nascimento Fernandes |
| O Cantarola .....      | Jozé Ricardo.. | Nascimento Fernandes |
| O estúpido.....        | Jozé Ricardo.. | Silvestre Alegrim    |
| Felisberto Felicio ... | Rafael Marques | Antonio Costa        |
| O Verdades.....        | Pinheiro ..... | Gil Ferreira         |
| O Cacao.....           | Alves .....    | Carlos Machado       |
| O curiozo .....        | Sena .....     | Carlos Shore         |
| O Timido .....         | Sarmento ..... | J. Almada            |

Um gentil Mefistofeles  
(Ilda Ferreira)Cantarola  
Nascimento FernandesPianola  
Roldão



Mefistofles  
Tilda

*N. Aguiar R. Andrade Am. Pereira*

|                     |                 |                    |
|---------------------|-----------------|--------------------|
| A Pianola.....      | Anjela Pinto... | Jorje Roldão       |
| A Mentira.....      | Leonor Faria..  | Amelia Pereira     |
| Maria dos engan.    | Zulmira.....    | Roza Andrade       |
| Maria Faladora. ... | Jejuina.....    | Alda Aguiar        |
| Gógó Palmito.....   | Barbara.....    | Maria Frazão       |
| Fifi Palmito.....   | Elvira Costa..  | Alice Rodrigues    |
| Chichi Palmito..... | Leonor.....     | Filomena Lima      |
| Mimi Palmito.....   | Em. Sarmento    | Emilia Pinheiro    |
| Bibi Palmito.....   | Juliana.....    | Ester de Souza     |
| Nini Palmito.....   | Alexandrina..   | Emilia Neves       |
| Gigi Palmito.....   | Julia Assunção  | Laura Rodrigues    |
| Lili Palmito.....   | Georjina Vieira | Hermenejilda Barco |

## OS PIMENTAS

Comedia em 3 atos

*Orijinal de Eduardo Schwalbach Lucci*

### DISTRIBUIÇÃO

|               |                    |                      |
|---------------|--------------------|----------------------|
| Leonardo....  | Joaquim d'Almeida. | Silvestre Alegrim    |
| Tomé.....     | Cardozo.....       | Nascimento Fernandes |
| Jozé.....     | Telmo.....         | Jil Ferreira         |
| Ernesto.....  | Inacio.....        | Antonio Costa        |
| Pimenta.....  | Sebastião Alves... | Reinaldo d'Azevedo   |
| Balbina.....  | Jejuina Marques..  | Amelia Pereira       |
| Maria.....    | Biatris Rente....  | Roza Andrade         |
| Adelaide..... | Juliana.....       | Alda Aguiar          |
| Francisca.... | —                  | Sára Medeiros        |

Conhecidas como são as duas peças por já terem sido representadas, a primeira no teatro da Republica — ao tempo D. Amelia — a segunda no Ginazio, dispensamos-nos de lhes darmos aqui os entrecchos. Limitamos-nos, como curiosidade, a publicar as duas distribuições, a primitiva — no meio — e a actual á direita.



Balbina  
*Amelia Pereira*

Tomé  
*Nascimento Fernandes*  
Adelaide  
*N. Aguiar*

Maria  
*Roza Andrade*

Leonardo  
*Alegrim*



A Medina... em cavalarias altas

## Anedotas teatraes

Em teatro as primeiras impressões são as que ficam.

Uma companhia que andava pela provincia, querendo salvar-se d'uma situação difficil em que estava, fêz subir á cena o *Santo Antonio*.

O átor encarregado do papel de *Marco Aurelio*, não tendo tido tempo para o decorar, fêl-o gágo para poder ouvir o ponto.

Foi um successo!

Mais tarde passou pela mesma terra uma outra companhia que tambem levou a miraculoza peça, mas sem o *Marco Aurelio* a gaguejar.

Levaram pateáda porque o publico não admitia um *Marco Aurelio* sem aquele defeito!

## OS NOSSOS CONCURSOS

### CONCURSO I

(Resultado)

*Atrizes:* Emilia de Oliveira e Cremilda.  
*Ator:* Oliveira, do Porto. *Escritor:* Schwalbach. *Empresario:* Taveira.

Das 75 respostas que recebemos só 15 vinham certas. Sorteado o premio perante os nossos 8 empregados da administração, foi por um d'elles tirado o nome do sr. Adolfo Enriquez, de Vila Nova de Gaia, que póde mandar receber o tinteiro quando quizer.

### CONCURSO II

(Monologos em verso) Foram recebidos para este concurso 18 orijinaes que vão ser lidos perante um juri composto por tres

membros, que procederá com o macimo escrupulo.

No procimo numero daremos os nomes dos autores premiados e os titulos dos seus respetivos monologos.

### CONCURSO III

(Olhos)

Dado o atrazo com que, por um desarranjo n'uma das fôrmas, saiu o numero anterior d'*O Palco* e ficando portanto muito pouco tempo para a decifração d'este concurso, o prazo para a recção das respostas será prolongado até ao dia 13 do corrente. Assim no procimo numero daremos o seu resultado, ao mesmo tempo que publicaremos o Concurso n.º 4, que causará successo.



(Continuado do numero anterior)

### Cena III

O Coronel e Antonio

ANTONIO (*correndo a abraçá-lo*)

Meu bom tio!

O CORONEL (*deixando-se abraçar, brusco, seco*)

Bom dia.

(*Quer dizer mais alguma coisa e detem-se. Quer mostrar-se zangado e não pôde. Tosse para disfarçar*)

ANTONIO (*solicito*)

O tio está com tósse?

O CORONEL (*embaraçado*)

Sim... estou... (*olha-o de soslaio, áparte*)

Que rapagão! (*alto*) Então?... que belo vento...?

Julguei não vêr-te mais!

ANTONIO

Vim só por um momento.

O reitor consentiu que, de fujida, o veja,  
Para depois do almoço, ir ter com ele á igreja.

O CORONEL

A' igreja! logo vi! (*áparte*) Temos o tempo fôsko!...

(*alto*) Isso veremos! Tu ficas oje conosco.

ANTONIO

Mas, tio, o padre Anselmo á-de aqui vir buscar-me  
A' tarde...

O CORONEL

Pois que venha o padre... o teu gendarme!

Deixa-o por minha conta! O poker jogaremos  
Todos três...

ANTONIO (*meio escandalizado, serio e soléne*)

Ó meu Deus! Que projetos blasfemos!

Eu não posso jogar!... A santa vocação  
Que me impús...

O CORONEL

Que se impôs!... E' pois imposição,

Não vocação, meu padre!

ANTONIO (*repreensivo e afetuoso*)

O «meu sobrinho» diga!

(*Continúa*).



### Um grupo de jentis... atrizes

*Mademoiselles* Cabral, Siiva, Sardinha, Lacerda,  
Magalhães, Pires, Castro



M.ello Leal  
Atôra e autôr

### A recita dos estudantes na «Trindade»

Uma recita d'estudantes!

Descrevel-a? Póde-se lá fazer isso? Imaginem 60 ou 70 diabos á solta, mas 60 ou 70 diabos alegres, correndo-lhes nas veias o sangue da mocidade. Ponham esses 60 ou 70 diabos a guinchar, a dar pulos, a dizer piadas, a fazer partidas e terão uma leve ideia do que são os ensaios d'essas recitas e do estado em que ficará a cabeça do pobre ensaiador e a dos dois ou três unicos que tomam aquilo a sério.

E a noite do espetaculo?

O dia de juizo deve ser uma coiza muito parecida e o cáos não lhe deve andar lonje!

Mas em todo o cazo que alegria elas nos fazem e que saudades elas nos dispertam!

—E que tambem já fomos um dos diabos...



M.ello Crus e Souza

### Alguns interpretes machos e femeos da zarzuela

#### EL POBRE DE VALBUENA

Decio, Rozado, Costa, Leal, Formozinho, Couto,  
Aguiar, Migueis



## **Boletim do Concurso n.º 3**

**De quem são os olhos?**

*Atrizes* .....

*Atores* .....

*Escritor* .....

*Nome* .....

*Morada* .....

As respostas que não vierem em boletim não serão contadas.

**Os originaes vindos sem estes boletins ficam fóra do concurso.**

Importação e Exportação — Expedições  
**JOSÉ ROBERTO DA SILVA**

Agente de Comissões e de Navegação

Agente de: Carl Seegers, Hamburg—Ch. Aug. Vogt, Paris  
 —E. da Cunha e Sá, Lisboa, Portugal—The Northern Assurance C.º  
 Ltd., Londres—Lamport & Holt, Liverpool—Millers & Corys, Cape  
 Verde Islands Ltd., S. Vicente—Wilson, Sons & C.º Ltd., S. Vicente  
 Coruña Salvage Association, Coruña, España.

Sub-agente de: Loyd's, Londres—Le Comité des Assu-  
 reurs Maritimes, Paris—The Royal Mail Steam Packet C.º, Londres  
 —The Pacific Steam Navigation C.º, Liverpool.

Adresse telegraphico: **Jack — Praia**

Codigos em uso: A. B. C. 4.ª e 5.ª edições Lieber's & Social

**Praia — S. THIAGO — Cabo Verde 1**

**JOSÉ ANTONIO DO PATROCINIO**

**Vinhos, Vinagres e Aguardentes**

PARA

**CONSUMO E EXPORTAÇÃO**

Marca P. & F

Qualidades garantidas — Preços resumidos

*Premiado  
 em todas as exposições a que tem  
 concorrido*

**RECOMPENSAS OBTIDAS**

Vinhos Tintos - 3 Grands prix.

Vinhos Brancos - 1 Menção honrosa, 2 diplomas  
 de honra, 1 Grande diploma de honra, 1 diploma  
 de honra com felicitações do jury, 1 medalha de  
 vermeil, 2 medalhas de prata, 3 medalhas de ouro,  
 8 grands-prix, 1 primeiro premio de medalha de  
 ouro com palma.

ARMAZENS E ESCRITORIO

**Rua José do Patrocínio**

*Marvilla-Lisboa*

Endereço telegraphico: Niciotropa-Lisboa

Telephone: 29—Poço do Bispo 2

**BLOCK - MEMORANDUM**

Para escriptorio

Com ferragem, para collocar sobre a mesa  
 de trabalho

\*\*\* ELEGANTE E COMMODO \*\*\*

Está á venda, com block para 1912.

Como se fará block-memorandum nos annos seguin-  
 tes, a ferragem servirá para immenso tempo.

PREÇO AVULSO

Block-memorandum, 200 réis.

O mesmo com a ferragem, 700 réis.

Só a ferragem, 600 réis.

A' venda na **Casa E. da Cunha e Sá**, Lisboa e Porto

**AGENDA PORTATIL** PARA **1912**

(3.º anno de publicação)

Edições da **Casa E. da Cunha e Sá**, Lisboa e Porto

♦ ♦ ♦ UM VOLUME CARTONADO, 120 RÉIS ♦ ♦ ♦

**MALMEQUERES**

Contos por Tama-  
 gnini Barbosa.  
 Um volume, 300 réis

Depositaria — **Casa E. da Cunha e Sá**

LISBOA E PORTO

**Do Hypnotismo á Aviação**

1.º VOLUME DA BIBLIOTHECA DE SCIENCIAS PSYCHOLOGICAS

Um vol. de 100 paginas, 150 réis

Edição da **Casa E. da Cunha e Sá** — Lisboa e Porto

**SONETOS**

Edição da **CASA E. DA CUNHA E SÁ**

POR

• Lisboa e Porto •

**THOMAZ D'EÇA LEAL**

Um volume, 300 réis

**CALENDARIO Reclamo de Portugal**

PARA 1912

(1.º ANNO DE PUBLICAÇÃO)

Contendo 366 vistas do continente, ilhas e colonias portuguezas) PREÇO 500 RS.

A' venda nas principaes livrarias e papelarias de Lisboa e Porto e na

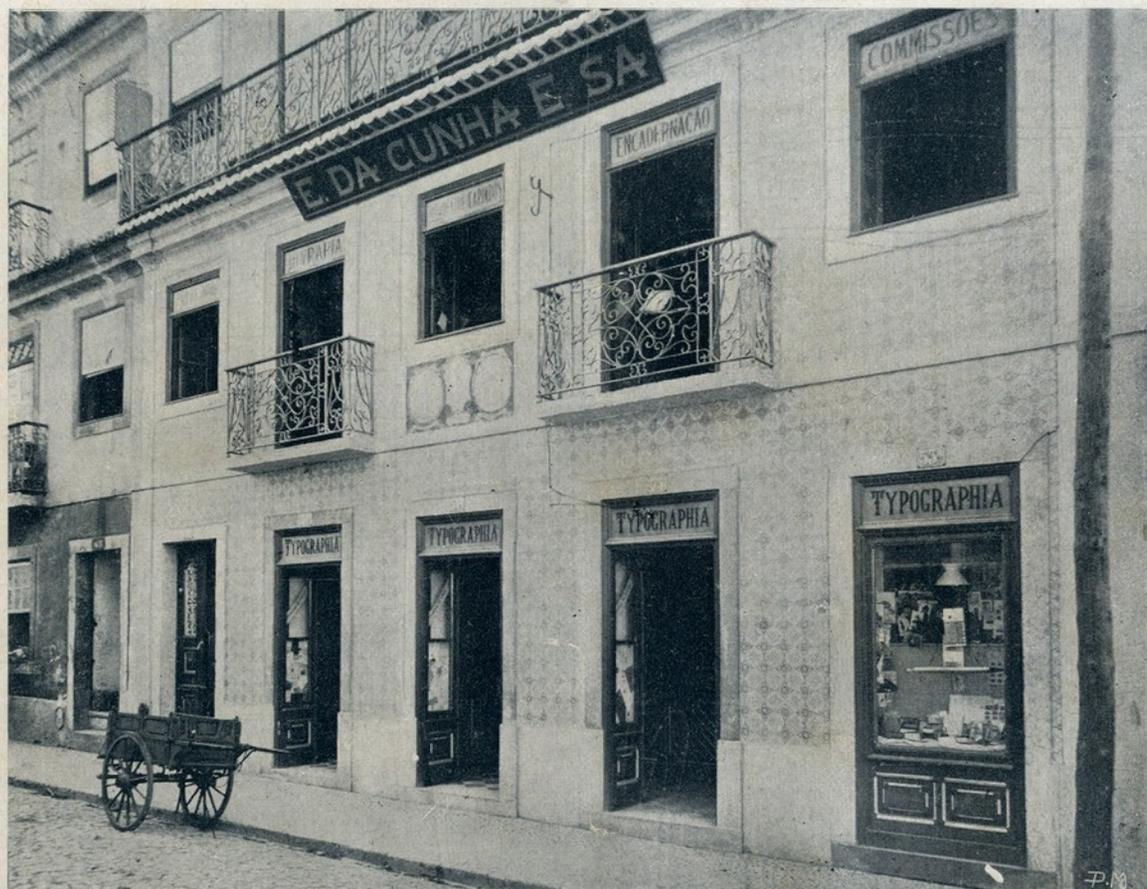
**CASA E. DA CUNHA E SÁ, Editora**

**EM LISBOA** — Rua de S. Marçal, 51 a 53-A — Rua da Escola Polytechnica, 16 e 18

**NO PORTO** — Rua do Correio, 76, 1.º

# CASA E. DA CUNHA E SÁ

—>>>> Fundada em 1905 <<<<<—



IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO  
OFFICINAS TYPOGRAPHICAS A VAPOR, PAPELARIA,  
LIVRARIA, GRAVURA,  
ENCADERNAÇÃO, FABRICA DE CARIMBOS,  
NOVIDADES UTEIS, COMMISSÕES, CONSIGNAÇÕES  
REPRESENTAÇÕES E INFORMAÇÕES  
Centro de assignaturas e de propaganda litteraria

ESCRITORIO

R. de S. Marçal, 51, 1.º

TELEPHONE 442

END. TELEGRAPHICO: Pygmeu

OFFICINAS

R. de S. Marçal, 51-A, 51-B, 53, 53-A

SUCCURSAL E DEPOSITOS

R. da Escola Polytechnica, 16 e 18

TELEPHONE 3441

**LISBOA**

ARMAZEM FORA DO CONSUMO

MARVILLA—R. José do Patrocinio

TELEPHONE 29—Poço do Bispo

AGENCIA GERAL NO NORTE

Rua do Correio, 76, 1.º — PORTO

AGENCIAS

NAS

PRINCIPAES TERRAS DA PROVINCIA, ILHAS,  
AFRICAS, INDIA E BRAZIL

Rev